



© CUSTO DA GRATIDÃO

Quando eu tinha treze anos, dava frequentes passeios com o meu pai aos sábados. Ora íamos caminhar num parque, ora ficávamos a contemplar os barcos ancorados na marina. Contudo, eu preferia deambular pelas lojas de material eletrónico em segunda mão, onde acontecia comprarmos algo por cinquenta cêntimos, que depois desmontávamos para descobrir como funcionava.

Antes de regressarmos a casa, o meu pai costumava parar muitas vezes na pastelaria para comprar gelados de dez cêntimos. Não era um hábito constante, mas acontecia com alguma frequência.

Às vezes, divertia-se a provocar-me, fingindo escolher o caminho mais longo de regresso a casa.

— Vamos por aqui, para variar um pouco — dizia, passando pela pastelaria sem parar.

Noutras ocasiões, em dias de sorte, perguntava-me com uma voz que fingia ser casual:

— E se comêssemos um gelado?

— Excelente ideia, pai! — respondia eu, entusiasmado.

Então, ele entregava-me vinte cêntimos e eu corria a comprar os gelados, que depois saboreávamos no carro. Como eu amava o meu pai, e como adorava gelados de chocolate, sentia-me feliz.

Um dia, a caminho de casa, o meu pai proferiu de novo as palavras mágicas:

— E se comêssemos um gelado?

— Excelente ideia, pai! — concordei de imediato.

Mas ele sorriu e acrescentou:

— E se fosses tu a convidar-me hoje?

Hesitei. Não por falta de dinheiro — o meu pai dava-me vinte e cinco cêntimos de semanada, que eu raramente gastava por completo —, mas porque considerava que comprar dois gelados com as minhas próprias economias era um gasto desnecessário.

Porque não me ocorreu aproveitar aquela oportunidade para manifestar a minha gratidão pela generosidade do meu pai? Porque nem sequer pensei que ele já me tinha oferecido dezenas de gelados, enquanto eu não lhe oferecera um só? A realidade é que eu estava obcecado pelos “vinte cêntimos”.

Movido por um egoísmo e uma ingratidão profundamente lamentáveis, proferi estas palavras de que ainda me arrependo:

— Sabes, pai, acho que posso passar sem comer gelado hoje.

O meu pai limitou-se a responder:

— Tu é que sabes, filho.

Mal ele se dirigiu para casa, apercebi-me do meu erro e pedi-lhe para voltar atrás.

— Quero ser eu a oferecer hoje os gelados! — exclamei.

Mas o meu pai respondeu:

— Não te preocupes, podemos passar bem sem eles.

Continuámos o nosso caminho sem que conseguisse demovê-lo. Senti uma profunda vergonha por ter demonstrado tamanho egoísmo e ingratidão, tanto mais que o meu pai não proferiu qualquer censura, nem demonstrou a menor desilusão.

Nesse dia, aprendi que a generosidade deve ser sempre recíproca, e que a gratidão não se resume a um agradecimento. Nesse dia, a gratidão ter-me-ia custado uns meros vinte cêntimos, e ter-me-ia permitido comer o melhor gelado da minha vida.

Quando, na semana seguinte, voltámos a dar o nosso passeio, perguntei, já quase a chegar à pastelaria:

— Gostavas de comer um gelado hoje, Pai? Sou eu que ofereço.



Randal Jones

Amy Newmark (org.)

Chicken Soup for the Teenage Soul 25th Anniversary Edition

(Tradução e adaptação)

O Custo da Gratidão

1. Quem é o narrador da história, e que tipo de relação tinha com o pai?
2. Que destinos escolhiam para passear, e qual deles despertava maior interesse no filho?
3. Comprar gelados era um ritual que fazia parte da cumplicidade entre ambos. Por que razão o narrador hesitou quando o pai lhe sugeriu que pagasse os gelados?
4. Como reagiu o pai perante a recusa do filho, e o que revela essa reação sobre o seu carácter?
5. Qual crês que era a intenção do pai ao propor que o filho pagasse os gelados naquele dia? Fundamenta a tua resposta.
6. Por que motivo o narrador considera que o gelado que não ofereceu teria sido o melhor da sua vida?
7. Que lição afirma ter aprendido? Assinala o parágrafo que contém essa informação.
8. O título do texto tem um duplo sentido. Explica porquê.
9. Na tua opinião, que importância têm os pequenos gestos na construção de relações familiares afetuosas?
10. Descreve uma situação em que não agradeceste ou retribuíste um gesto de generosidade, e refere que conclusão tiraste dessa experiência.